


Zero-a-Seis

“EU TIVE QUE FICAR SEM FALA PARA COMEÇAR A FALAR COM AS INFÂNCIAS POPULARES A PARTIR DA MINHA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA COMO EDUCADORA E COMO PESQUISADORA”: UM OLHAR SOBRE AS INFÂNCIAS LATINO-AMERICANAS

“I was without speech to start to speak with the popular childhoods from my own experience as teacher and as researcher”: a eye about the latin-americans childhoods


Entrevistada

Patrícia Redondo

Doutora em Ciências da Educação
Universidade Nacional de La Plata, Buenos Aires, Argentina
redpatricia@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-8172-9095>

Entrevistadoras

Pamela Cristina Santos

Mestre em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
s.pamelacristina@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-0260-3318>

Joana Célia dos Passos

Doutora em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
passos.jc@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-9946-7900>

RESUMO

A entrevista que aqui apresentamos foi realizada com a Dra. Patrícia Redondo, professora na Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, Universidade Nacional de La Plata e investigadora principal do Departamento de Educação da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO/Argentina), mais especificamente no curso de pós-graduação em Educação Inicial e Primeira Infância. Patrícia Redondo é uma pesquisadora engajada na luta pelo direito à infância de crianças que vivem em contextos de pobreza e vulnerabilidade. A entrevista focaliza questões acerca das infâncias latino-americanas, tematizando as desigualdades sociais e raciais (para a pesquisa com crianças). Além disso, discute possíveis caminhos para pensarmos as pesquisas com crianças, no contexto político atual de retrocessos no campo dos direitos na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias latino-americanas; Desigualdades; Pobreza; Direitos; Pesquisa com crianças.

ABSTRACT

The interview presented here was conducted with Dr. Patrícia Redondo, professor at the Faculty of Humanities and Educational Sciences, National University of La Plata and principal investigator of the Education Department of FLACSO-Argentina, more specifically in the postgraduate course in Initial and Early Childhood Education. Patrícia Redondo is a researcher engaged in the right to children living in contexts of poverty and vulnerability. The interview focuses on questions about Latin American childhoods, thematizing social and racial inequalities, and approaches current theoretical and methodological perspectives for research with Latino-American children. In addition, it discusses possible ways to think about research with children in the current political context of retrogressions in the field of rights in Latin America.

KEYWORDS: Latin American Childhood(s); Inequalities; Poverty; Rights; Research with children.

INTRODUÇÃO

A entrevista que aqui apresentamos foi realizada com a Dra. Patrícia Redondo, professora na Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, Universidade Nacional de La Plata e investigadora principal do Departamento de Educação da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO/Argentina), mais especificamente no curso de Pós-Graduação em Educação Inicial e Primeira Infância. Seguindo um guião com perguntas previamente elaboradas, tendo como os trabalhos da referida pesquisadora, foi realizada uma vídeo chamada em fevereiro de 2019, conjuntamente pela Dr^a. Joana Célia dos Passos e pela Mestre Pamela Cristina dos Santos.

Patrícia Redondo é uma pesquisadora engajada na luta pelo direito à infância de crianças que vivem em contextos de pobreza e vulnerabilidade. Tem como suas principais obras: *Encrucijadas entre Cuidar y Educar, Debates y experiencias*, (organizadora junto a Estanislao Antelo) Homo Sapiens Ediciones, 2017; *Inventar lo imposible. Experiencias pedagógicas entre dos orillas*, La Crujía Ediciones, 2015; *Lo que queda de la infancia*, Homo Sapiens Ediciones, 2010; *Igualdad y Educación: Escrituras (entre) dos orillas*, Del Estante Editorial, 2006. Prêmio ALIJA; *Escuelas y Pobreza, entre el desasosiego y la obstinación*, Ediciones Paidós, 2004. Para além disso, Patrícia Redondo tem se dedicado a pesquisar crianças latino-americanas dentro de seus próprios contextos sociais, ainda, suas lentes de estudo nos apontam as problemáticas geradas pelas importações teóricas eurocêntricas que pouco conversam com as realidades que atravessam tais crianças (latino-americanas). Desse modo, ao dialogarmos com a entrevistada suas preocupações versavam sobre essas crianças, sujeitos de sua própria história, mas que são a todo momento interceptadas por um modo de pensar eurocêntrico que antecipa suas biografias (REDONDO, 2015). Assim, levantamos questões que não necessariamente precisam ser respondidas nessa entrevista, mas que contribuem para aprofundarmos alguns pontos de reflexão, a partir dos estudos e da vasta experiência da entrevistada no campo da Educação das Infâncias. Do que falamos quando nos referimos às infâncias latino-americanas? Que elementos comuns têm as infâncias latino-americanas e que particularidades estas possuem para que exista a possibilidade de discussão de uma agenda política? E em um contra sentido: o que as políticas hegemônicas estão hoje pondo sobre a mesa para o conjunto das infâncias da América Latina?

Além disso, propõe uma articulação contra-hegemônica entre pesquisadoras(es) latino-americanas para se pensar pesquisa e infâncias, principalmente no contexto político de retrocessos no campo dos direitos na América Latina. Para Patrícia Redondo reconhecer o contexto e as condições de vida das infâncias é condição para compreender as relações de desigualdades a que estão submetidas as crianças no âmbito educacional.

1. Professora Patrícia, você poderia comentar sobre como atua nas práticas investigativas com crianças?

Pois bem, uma primeira questão é que eu trabalhei pesquisando, mas, eu sempre trabalhei na minha vida profissional vinculada às crianças. Eu comecei como professora de uma escola infantil rural, como uma educadora do campo, então todo meu trabalho esteve sempre ligado às questões das infâncias. Então quando eu comecei a pesquisar, a pesquisa não se desligou da minha prática como educadora porque as perguntas que eu não tinha resposta trabalhando como educadora foram as perguntas que motivaram minha prática como pesquisadora. Embora os mundos sejam distintos já que a pergunta que sempre tive como educadora e depois como pesquisadora era: por que a diferença das crianças que nascem ou chegam no mundo em condições de desigualdade tem suas vidas, suas biografias sempre marcadas de modo antecipado? Por exemplo, aqui em nosso país, nós temos crianças de mãe que estão em cárcere privado, eu trabalhei vários anos em casos de mães que estão há muitos anos sem que seus casos sejam julgados, enquanto estão em cárcere. E de acordo com a Convenção dos Direitos das Crianças, as mães têm a possibilidade de que seus filhos estejam junto delas no cárcere até que completem quatro anos de idade. Então uma criança que nasce enquanto sua mãe está presa, essa criança não vê o sol e já diretamente está encarcerado junto com sua mãe. Então, eu sempre me perguntei: por que as crianças em nosso país, e na América Latina, tem essa diferença abismal desde o nascimento? E dessas reflexões sobre as crianças desde que chegam ao mundo e tem essa diferença, essa marca de chegar ao mundo definindo seus destinos, aqui na Argentina falamos de biografias antecipadas. Partindo disso, meu trabalho com as crianças tem essa preocupação. A segunda preocupação que tenho como pesquisadora está vinculada às crianças, mas, também às professoras que trabalham junto com as crianças e as escolas

que abrigam as experiências da infância é que as crianças são obrigadas, são humilhadas como sujeitos de destino, ou seja, sujeitos que chegam ao mundo como sujeitos com um projeto de vida e não como sujeitos vinculados a mortificação do capitalismo selvagem, do capitalismo tal como no Brasil e agora na Argentina que as condenam a fome, as condenam ao traumatismo da desigualdade. Então, meu vínculo com as crianças não é um vínculo que tem uma relação de tempos cronológicos no sentido de criança pequena representada pela idade, mas, com crianças pensadas como sujeitos históricos, sujeitos políticos, e sobretudo como um sujeito pedagógico. E também porque eu me dedico já faz muitos anos a pensar as questões de desigualdades e de igualdade, então, eu trabalhei com pesquisas em favelas, em que segui crianças e seus projetos que envolviam a vida afim de tratar como que meninos e meninas tecem seus destinos através da escola, do desejo de ler, de aprender mesmo estando em condições muito difíceis.

2. Em seu artigo, “Infancia (s) Latino-americanas(s), entre lo social y lo educativo”, a professora afirma que pensar em uma infância latino-americana é uma tarefa urgente. Sendo assim, como estão as infâncias latino-americanas nas pesquisas?

Estive ano passado em um encontro no Chile, em Valparaíso, porque pertenco a um grupo chamado Infância Latino-Americana, que tem uma revista junto com a Associação Mestres da Rosa Sensat¹ e venho debatendo há muitos anos a necessidade de colocar em discussão: do que falamos quando nos referimos às infâncias Latino-Americanas? Porque eu acredito que é um fator que temos que por em discussão com educadores/as ativistas políticos dos movimentos sociais já que a problemática da infância está muito fragmentada. Eu tenho o privilégio, enorme, enorme para mim, de viajar e conhecer experiências de infâncias de diferentes países da América Latina. Tenho a oportunidade de ter visitado por exemplo, comunidades de Bogotá, mas não o centro, em Barrio Suba², nos arredores de Bogotá, que tem por um lado as mesmas

¹ Associação composta por professores/as de crianças pequenas cujo foco é a formação docente. Para tanto realizam ações desde a formação presencial até a publicação de artigos e livros. Mais informações podem ser encontradas no site: <https://www.rosasensat.org/lassociacio/qui-som/>

² Comunidade localizada na cidade de Bogotá, Colômbia.

problemáticas que você tem aqui na Grande Buenos Aires, a problemática da pobreza, da instrução, de ter os bairros com muito lixo, e tem as mesmas problemáticas que vocês têm no Rio de Janeiro. Mas, na cidade de Bogotá, como outras cidades que são afetadas pelo conflito armado na Colômbia até dois anos atrás, são degradadas e perdem todas as suas raízes com suas terras, são separadas de todas as suas visões de mundo e são inseridas em condições muito difíceis das cidades grandes da Colômbia. Tão Logo, essas infâncias por exemplo, ali em Vario Silva da Colômbia, tem algo em comum com muitas infâncias brasileiras, mas, tem algo diferente e nós pesquisadoras temos que pôr em discussão que elementos comuns têm as infâncias latino-americanas e que particularidades têm que devemos poder discutir por um lado para uma agenda política um contra sentido que as políticas hegemônicas estão hoje pondo sobre a mesa para o conjunto das infâncias da América Latina? Eu acredito que as discussões sobre as infâncias latino-americanas têm primeiro uma questão política de articular nossas forças em função de uma contra hegemonia e em segundo lugar pesquisar as práticas culturais, pesquisar as representações imaginárias, os projetos de vida das comunidades a respeito das infâncias porque muitas de vocês pesquisadoras brasileiras sabem, que há um processo de homogeneização cultural na imposição de ícones planetários do mercado que colonizam o imaginário infantil. Quero dizer, existe um mercado para as crianças desde que chegam no mundo, agora em nosso país, mas não só no nosso país. Em todas as cidades mais importantes da América Latina, o mercado chega primeiro que o Estado quando nascem as crianças. Então, o que quero dizer é que quando falamos a questão da infância latino-americana significa por em primeiro a questão da desigualdade, visto que a América Latina é a região mais desigual do mundo. E quando nós falamos de América Latina é a região mais desigual do mundo, nós estamos falando que temos milhões e milhões de crianças em condições de pobreza, de marginalidade e exclusão, mas nós temos que pôr em perspectiva que o mundo não tem como ver a América Latina se não revertermos a situação da desigualdade, não só temos que discutir o acervo da afrodescendentes, da cultura indígena, da cultura branca, temos que discutir os acervos culturais em que estão as infâncias latino-americanas. Nós temos centenas de línguas originárias na América Latina, mas com poucos falantes, isso acontece no meu país e acredito que deve acontecer no Brasil, então que recursos temos nós para preservar a transmissão cultural dessas línguas originárias para os meninos e meninas? De repartir o mundo simbólico dos povos originários e as línguas que representam proporções imaginárias de culturas e reparti-las com a infância latino-americana? Mas, por exemplo, em nosso encontro no Chile no

ano passado, foi posto na mesa as percepções que tem tanto no Chile quanto na Argentina sobre a cultura Mapuche, a percepção que tem por exemplo nosso país hoje. E tive a oportunidade de presenciar no sul argentino em Bariloche, situações de repressão a crianças e as comunidades indígenas. O que quero dizer com isso? Que nós temos que pôr significado às infâncias latino-americanas, organizar encontros no Brasil, Argentina, no Paraguai, em todos os nossos países e pôr em discussão se a América Latina será uma região que aloja os “novos”, utilizando termos de Hannah Arendt³, que vai dar lugar a um projeto que convide a infância a ter destino ou será uma região que temos hoje com Bolsonaro ou Macri que plantam que o outro deve ser expulso ou deve ser eliminado? Porque cada crianças que chega ao mundo deve ser acolhida, sem perguntar quem é quando bate à porta da nossa casa, como disse Derrida⁴. Eu acredito que, politicamente, nós pesquisadores/as teremos uma missão de nossas pesquisas poderem fazer maior intercâmbio, por exemplo, eu aprendi muito no Brasil sobre as infâncias quilombolas, mas, aqui na argentina não se conhece sequer o que isso significa. Eu aprendi na Colômbia muito com as infâncias das comunidades indígenas que habitam as grandes cidades, mas, não se conhecem as pesquisas. Nós vemos poucas pesquisas e pouco intercâmbio entre essas pesquisas das nossas universidades, nos nossos cursos acadêmicos, nós teremos que encontrar maiores redes ou pontos de encontros ou maiores intercâmbios. Eu penso, honestamente, que teremos uma regra interna porque a direita está se organizando muito rapidamente, mas nós temos uma força de inventar e pôr em comum um glossário político e pedagógico com categorias que definem um território de pesquisa comum para os/as pesquisadores/as da América Latina.

3. É sabido que a Educação em grande parte da América Latina é regida por referenciais que contemplam pouco as realidades que temos, assim, considerando toda sua trajetória com as crianças na Educação básica, a professora pode expor suas percepções acerca dos modos como referenciais eurocêntricos afetam os olhares de pesquisadores/as

³ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Perspectiva, 1990

⁴ Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2003). Da hospitalidade. (A. Romane, Trad.) São Paulo: Escuta.

no contato com as crianças?

Vou te falar do meu próprio caso, eu pesquisei agora em uma escola de um bairro muito popular aqui de Buenos Aires. Veja, aqui ao redor da cidade de Buenos Aires temos quatro grandes distritos, três deles em algum momento foram bairros industriais em que se localizavam os bairros onde residia a classe trabalhadora. Agora, são, novamente, com esse governo bolsões da pobreza. Eu pesquisei em um a 30 Km da cidade de Buenos Aires e nesses distritos habitam cerca de 10 milhões de pessoas, e pesquisei em uma escola de educação especial, onde se supõe que frequentam crianças que apresentam algum tipo de dificuldades, seja motora, mental ou qualquer outra. Eu estava tentando encontrar uma escola que tivesse mais a perspectiva de igualdade, eu estava buscando isso já fazia muitos anos. Desde que iniciei a pesquisar as situações das crianças em condições de desigualdade, eu estava buscando uma escola pública que estivesse em um território marcado pela desigualdade, mas que produzisse uma experiência educativa que promovesse a igualdade. Eu pesquisei um ano nessa escola, num território muito, muito, muito desigual, mas um território em que o movimento social, a corrente classista e combativa tem a luta pela terra e tem organizado as famílias em um assentamento de ocupação de terras. Então, era um lugar que me interessava muito pesquisar, e vou te contar o próprio movimento que tive que fazer sobre o meu olhar como pesquisadora. Eu tenho um olhar desvestido de um registro eurocêntrico, mas quando eu estava trabalhando no campo, descobri que essa escola não trabalhava com diagnósticos, todas as crianças para os/as professores/as desta escola são iguais. Se uma criança não escuta, eles/as falam a criança como se a criança escutasse, se uma criança tem dificuldade intelectual, eles/as trabalham com a criança como se ela não tivesse esta dificuldade porque partem do princípio da igualdade das mentes. Então, eu estava trabalhando com umas meninas que estavam pintando, eu falei a uma dessas meninas, eu lhe pedi permissão para tirar uma fotografia e ela me sorria. E voltava a falar: "Você me permite tirar uma foto?", eram duas meninas, e ela voltava a me olhar e me sorrir. A outra companheira que estava ao lado dela me diz: "Patri, você não fala mais porque ela não escuta nada.". Então, eu estava lá na escola há três meses, como pesquisadora deu muito trabalho reconhecer que fui em busca de práticas igualitárias, mas, que eu tenho um olhar que supunha a diferença entre as crianças. Mas essa escola apagava a diferença, eu falava a menina, mas a menina não me ouvia. A escola nunca falou que meninas/os escutam e que meninos/as não

escutam, quais têm tais capacidades e quais não têm. Eu tive que deslocar meu olhar como pesquisadora e reaprender um olhar muito diferente em relação a construção de igualdade, de um olhar sobre as crianças muito diferente. As crianças me ensinaram muitas coisas durante a minha pesquisa, por exemplo, nesta escola não se recebe as famílias, a escola é que vai até as famílias. Nesses primeiros dias de fevereiro a escola pede as famílias que esperem as professoras em suas casas, em um lugar que é considerado muito perigoso, então como vão os professores até as casas? Os/as Professores/as vão guiados por seus alunos, a diferença que temos que considerar é que esta é uma escola especial, se supõe que os alunos não são capacitados, então: como um aluno sem capacidade guia um professor, caminhando por muitas ruas irregulares, até sua casa? Eu comecei a caminhar com os professores/as e com as crianças, eu aprendi como uma criança pode guiar os adultos. Eu buscava essa prática, eu supunha que a escola realizava essas práticas, mas eu buscava de um ponto de vista intelectual que estava muito sobre a igualdade, mas meu ponto de vista estava ancorado em uma posição desigual em relação as crianças. Eu não sei se me faço compreender de como minha própria prática de pesquisa como fala Jan Masscheleins em uma de suas referências sobre a pesquisa em educação, eu tive que passar uma transformação da minha posição de sujeito que pesquisa para poder efetivamente pesquisar com crianças em bairros populares sobre a questão da igualdade e pesquisar os/as professores/as que trabalham com crianças. Contudo, essa transformação só foi possível por causa da posição das próprias crianças, então eu acredito que todos nós, sobretudo nas universidades, estamos moldados por esse olhar etnocêntrico, esse olhar acadêmico ou esse olhar que nos põe como sujeitos que pesquisa muitas vezes numa lógica de quem porta saberes sobre o outro. Uma lógica que nós vamos confirmar conhecer, mas que nós já sabemos sobre o outro, então eu acredito que como me falou uma professora quando eu pesquisava: “Patri, para trabalhar com crianças nessa escola, eu tive que me desvestir absolutamente e abandonando minha fala eu pude aprender a trabalhar com a infância.” E eu acredito que como pesquisadora esse também é o processo, eu tive que ficar sem fala para começar a falar com as infâncias populares a partir da minha própria experiência como educadora e como pesquisadora.

5 Professor de Filosofia da Educação e diretor do Laboratório para Educação e Sociedade da Universidade de Louvain (Bélgica).

4. Como você vê o uso da etnografia na produção acadêmica sobre crianças e infâncias no Brasil e na América Latina?

Eu acredito que a etnografia na América Latina, embora eu conheça pouco, conheço sim da experiência do Brasil sobretudo a experiência que vocês estão fazendo em Santa Catarina. Aqui nós temos uma pesquisadora muito boa, Laura Santillán, ela é antropóloga e analisa também experiências etnográficas e me parece que é um privilégio contar com as pesquisas etnográficas. Eu falava com uma colega Argentina que está em Berlim e ela me dizia que é possível pensar a minha pesquisa como *uma sensibilidad etnográfica*, mas as pesquisas que vocês fazem, penso que são em uma totalidade etnográfica. E eu acredito que é uma possibilidade rigorosa e que nos permite conhecer muito mais como as crianças vivem, pensam e sentem, quais os dramas, vínculos familiares, relações sociais, experiências políticas de práticas culturais dessa imersão no mundo dos adultos. Na Bienal de Manizalles⁶, colegas e pesquisadoras do Brasil trouxeram várias experiências de pesquisa, entre uma delas recordo da UFSC, uma sobre as crianças nas escolas de samba. Este olhar é excelente, porque foca e vai capturando e construindo não só o sujeito que investiga, mas, seu objeto de investigação. Isso é de uma riqueza tanto em termos de saberes produzidos a partir da análise desse material como pela possibilidade de construir uma série de categorias de outros modos. A etnografia me parece que nos permite ir abrindo linhas de pesquisa não só pelo olhar adultocêntrico. No Brasil vocês deixam muitas brechas para pensar por outras práticas de pesquisa. Insisto em dizer da necessidade de estabelecermos intercâmbios entre pesquisadores etnográficos para darmos conta daquilo que estamos vivendo, como por exemplo, Joana⁷, seu problema de pesquisa sobre as questões raciais é visto por mim com muita inquietação. E eu não sei muito sobre as práticas escolares e tudo o que acontece com a população afro-colombiana, em que as crianças querem se lavar com água sanitária para não ter a pele negra e como as educadoras constroem projetos de diversidade e são projetos baseados em uma perspectiva branca. Diante dessas crianças que insistem em se lavar com água sanitária, eu penso quantas

⁶ Referência ao III Bienal Latinoamericana y Caribña de Infancias y Juventudes – desigualdades, desafios a las democracias, memorias y resistencias. Mesa 5 – 13. Educação e Infância: a infância como re-existência para a educação. Universidade de Manizales, Caldas, Colômbia, 30 de Julio a 3 de Agosto.

⁷ A entrevistada faz referência a Dr^a Joana Célia dos Passos, cujo foco de pesquisa tem sido as relações raciais na educação e as políticas de ações afirmativas para a população negra.

pesquisas ainda nos faltam. Existem pesquisadoras realizando pesquisas com esse problema, mas, que ainda não chegam até as educadoras, ao contrário do que me parece que acontece no Brasil que tem um sistema mais avançado sobre a Educação Infantil, no nosso caso não. Existe uma divisão muito grande no que as pesquisas etnográficas produzem: é um olhar muito rico, muito texturado, muito policrômico e isso me parece que tem sido feito um esforço para que as educadoras da infância tenham elementos para seus olhares. Em outros lugares a pesquisa vai para a academia e os pesquisadores nesse caso reproduzem olhares da cultura branca e práticas educativas totalmente hegemônicas, eu penso, todavia, modestamente, que estamos em termos históricos no início da experiência com as pesquisas etnográficas com crianças na América Latina. (...) Eu penso que será extraordinário porque pesquisas com crianças por uma perspectiva etnográfica abrem em termos de conhecimento, de relação ao sujeito que pesquisa, em termos políticos e de como desloca as concepções sobre: o que é um menino ou o que é uma menina? E também: de que infância falamos quando nos referimos as infâncias na América Latina?

5. Fazendo um rápido balanço das últimas décadas, quais os pontos críticos que você destacaria acerca das metodologias utilizadas nas pesquisas com crianças?

Eu não sei se posso fazer um balanço, eu posso falar um pouco do meu país, mas, não sei se chega a ser um balanço. Aqui temos uma lacuna muito grande com as pesquisas que envolvem crianças, temos pouco, sobretudo na Educação Infantil. Aqui as metodologias que estão sendo mais aplicadas são as qualitativas ligadas às questões políticas e muito condicionadas às possibilidades de financiamento dos projetos. Então, eu vou falar que o marco geral das pesquisas, sobretudo na educação, são pesquisas de caráter qualitativo, são estudos de caso vinculadas a dissertações ou teses, mas, em nenhum dos casos são marcados por experiências escolares alternativas, incluem experiências com crianças, mas também com jovens, são muito poucos para serem significativas. As universidades que têm o projeto educativo de formação de Educação Infantil, porque aqui na Argentina é diferente do Brasil, nós temos a formação infantil em quatro anos para se trabalhar com Educação Infantil, mas, essa formação não está na universidade, estão em cursos de professora em Institutos de Formação Docente

Superior. Então, se você quer ser professora, você tem que estudar quatro anos não necessariamente na universidade como é no Brasil ou no Chile. Aqui tem que fazer um professorado. Então, não tem muita pesquisa sobre a Educação Infantil porque a formação está fora da universidade. E tem pesquisa de Educação Infantil que têm certas análises de práticas educativas e têm os estudos de caso, sobretudo de unidades educativas, mas não temos um acúmulo de pesquisa que me possibilite falar de um balanço. Isso porque temos uma dificuldade de criação do próprio capital pedagógico. No campo pedagógico mais amplo, temos uma fortaleza pedagógica muito grande na Argentina sobre a história da Educação, muitos pesquisadores/as no nosso país realizam esse tipo de pesquisa, então temos desde história oral até estudos de tempos históricos específicos com muito trabalho de fontes históricas. Eu acredito que esse é um dado muito específico da Argentina e do Uruguai, relevância da história da Educação durante o período da ditadura e não só, temos também muitas pesquisas no campo da didática. O campo da didática, das teorias da aprendizagem, as diferenças das trajetórias educativas, trajetórias escolares, são muitas pesquisas ligadas aos dispositivos de exclusão escolar e sobre jovens e adultos. Nós temos muito desenvolvimento das nossas universidades públicas que estão ao ponto de o governo atual querer destruí-las, como também acontece no Brasil, é um plano para ambos os países.

6. Professora Patrícia, teria alguma outra coisa que você gostaria de dizer em relação às questões abordadas nessa entrevista? Pode ficar à vontade.

Sim, eu quero dizer que é urgente nós pensarmos coletivamente. É urgente pensar nos outros, pensarmos em um roteiro para que pense os outros e que não elimine as diferenças. Mas, é urgente não estarmos tão distantes em termos do pensamento. Eu falo isso porque os que detém a hegemonia, e que agora está muito claro quem eles são, eles têm e vêm por todos os lugares, pela terra, pelo ar, pelas populações, eles vêm! Eles vêm pelas culturas, mas também vêm pelos imaginários, então nós trabalhamos com as infâncias e se eu penso nisso em termos cronológicos as infâncias não são o puro presente. Então, nós trabalhamos com um sujeito histórico, político, inscrito em um presente histórico que incluem necessariamente o que está por

vir, então como falou comigo uma vez Roseli Caldart⁸ do Movimento Sem Terra, enquanto partilhava experiências formativas com ela durante alguns anos que estive no Rio de Janeiro, ela disse: “Não é um momento para pensar em pessimismos”. E eu penso o mesmo, nós estamos muito mal tanto na Argentina quanto no Brasil, mas não é momento para pessimismo porque nós trabalhamos com as infâncias, então nós temos todos os dias um encontro no presente com o que está por vir. Temos uma oportunidade de trocar, de pensar, de voltar, mas, não sabemos como sair desse labirinto que nos têm enganado. Aqui na Argentina, fazem dois dias, estamos num enfrentamento muito forte com nosso governo e com nossas organizações sindicais porque iniciarão as aulas e nós vamos iniciar uma greve. Não vamos começar as aulas, nem nas escolas e nem nas universidades, mas aqui temos um problema porque não alcançamos com a greve dos/as educadores agora, mas então, como falar de educação pública hoje se quando eles falam dizem que nós temos a culpa da situação atual da educação? Nós temos que poder admitir que o inimigo está falando nossa língua e que temos que poder discutir, e insisto muito, e pensar junto numa perspectiva para as infâncias na América Latina.

REFERÊNCIAS

REDONDO, Patrícia. Infancia(s) Latino-americanas(s), entre lo social y lo educativo. **Espacios em blanco**. Serie indagaciones ,vol.25 no.1, ene./jun. 2015.

NOTAS

“Eu tive que ficar sem fala para começar a falar com as infâncias populares a partir da minha própria experiência como educadora e como pesquisadora”: um olhar sobre as infâncias latino-americanas.

Pamela Cristina dos Santos

Mestre em Educação

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

⁸ Roseli Caldart é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999), atua como assessora pedagógica do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária e coordena o curso de Licenciatura em Educação do Campo, parceria Iterra-UnB-MEC. Tem como principais temas de pesquisa: movimentos sociais do campo, educação, escola, pedagogia do movimento, educação do campo.



Endereço de correspondência do principal autor

Rua Joaquim Souza Lobo, 413, 88130-410, Palhoça, SC, Brail.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a disponibilidade e atenção da Professora Patrícia Redondo por nos conceder esta entrevista.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: P.C. Santos, J.C. Passos.

Coleta de dados: P.C. Santos, J.C. Passos.

Análise de dados: P.C. Santos, J.C. Passos.

Discussão dos resultados: P.C. Santos, J.C. Passos.

Revisão e aprovação: P.C. Santos, J.C. Passos.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 31-03-2019 – Aprovado em: 29-07-2019